



CRISTOFASCISMO E BOLSONARISMO NO DISCURSO POLÍTICO, SOCIAL E RELIGIOSO BRASILEIRO²⁰

Daniel Andres Baez Brizuela
Universidade Estadual do Paraná

Introdução

A pandemia da Covid-19 deixou entre suas marcas mais devastadores milhares de mortes no Brasil. E, ainda, trouxe à tona, - não menos catastrófico - um conceito que podemos chamar de “cristofascismo brasileiro”. Ela fez surgir um movimento de cunho político, ético, sociológico, antropológico e religioso que em seu cerne está carregado de contradição se formos confrontar com o verdadeiro Jesus de Nazaré, o Cristofascismo é por essência contraditório e nada ortodoxo e levaremos décadas para tentar compreender e descrever com exatidão o seu impacto.

Materiais e métodos

Nosso tema de pesquisa — *Cristofascismo e bolsonarismo no discurso político, social e religioso brasileiro* — é abrangente e o recorte e a delimitação realizados tendem a apresentar textos já produzidos em diferentes momentos e com diferentes contornos. A pesquisa é de cunho bibliográfico. O debate, que ora buscamos estabelecer, visa um diálogo entre dois conceitos (Cristofascismo e Bolsonarismo) e mostrar a sua presença e expansão no campo político, religioso e social brasileiro.

Resultados

O cristofascismo não é um fenômeno atual. Os primeiros registros e a cunha do termo provêm da década de 70 do século passado. Albuquerque (2019) aponta que:

²⁰ Recomendo a leitura do artigo da minha autoria: *Cristofascismo e bolsonarismo no campo político, social e religioso brasileiro*, Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 10, n. 28, p. 179-197, 2021.



Em 1970, a teóloga alemã Dorothee Sölle cunhou o termo “cristofascismo” para definir uma postura política que combina cristianismo com fascismo, baseando-se no fato de as relações do partido nazista alemão com as igrejas cristãs terem contribuído para o desenvolvimento do Terceiro Reich [...] no tempo presente brasileiro há posturas semelhantes da parte de movimentos de igrejas cristãs e de suas lideranças fornecendo apoio a Bolsonaro com suas políticas de intolerância e de ódio. Basta pensarmos nas manifestações públicas documentadas em redes sociais e em televisão pelos líderes padre Jonas Abib (Rede Canção Nova) e frei Hans Stapel (Fazenda Esperança) a Jair Bolsonaro (ALBURQUERQUE, 2019, n. p).

Para o teólogo e pesquisador Fábio Py, o “cristofascismo brasileiro” necessita ser compreendido dentro do contexto no qual é produzido. A partir dessas reflexões, pode-se dizer, segundo Py (2020c), que:

O termo “cristofascismo brasileiro” se baseia na reflexão da teóloga alemã Dorothee Sölle, que criou a expressão diante do nazismo alemão. Hitler, como Bolsonaro, tinha uma relação próxima com crentes. Ao cunhar o termo, Sölle se preocupou em analisar as relações de integrantes do partido nazi com as igrejas cristãs no desenvolvimento do estado de exceção alemão, quando o governo nazista se utilizou das relações e das terminologias cristãs para sua composição, assim como se reconhece hoje no bolsonarismo (PY, 2020c).

Para início de conversa e buscando analisar as diversas fontes do bolsonarismo dentro de um contexto específico de Estado totalitário contemporâneo, nada mais oportuno que trazer a esta descrição as palavras de Viel (2019, n. p.), quem afirma que o bolsonarismo, como movimento político defensor de uma sociedade totalitária, é uma mistura que chega a significar a soma de “*nostalgia da ditadura, discurso sobre a corrupção*” e “*ligação ao mundo evangélico*”. Tais afirmações vêm ao encontro do que Viel (2019) ressalta:

O fascismo não se impõe, como disse, da noite para o dia: o programa do governo Bolsonaro é socialmente tão reacionário e, na sua tentativa de fundir os interesses das direitas políticas e econômicas do Brasil, tão ambicioso que deverá avaliar da (sic) necessidade de usar uma violência institucional, para legal, que está fora do alcance de qualquer governo democrático. Se não hesitar em usá-la, a prática será muito próxima da abordagem fascista (VIEL, 2019, n. p.)

Daí a necessidade de compreender que o fascismo não surge pelo azar da história. Sua construção se dá por meio da banalização do mal. Neste sentido, é no mínimo estranha a junção entre uma mensagem cristã e um discurso político autoritário. Ao aderir ao projeto fascista, as igrejas cristãs aderem a uma maquinaria estatal profundamente perversa. Py (2020) assevera que:



O que parece evidente é que as ações desses discretos religiosos remontam ao mal que as pessoas comuns podem praticar nos contextos autoritários, quando deixam de refletir criticamente. Retomando as reflexões de Arendt, a banalização do mal ocorre quando um governo se baseia em concepções que levam à tentativa de tirar a humanidade do “outro indesejável” e acabam por fomentar nas pessoas mais comuns a incapacidade de compaixão pelo próximo. Nesse sentido, mesmo sendo pessoas discretas e “técnicas”, os religiosos batistas e presbiterianos ao aderirem ao projeto bolsonarista, agem tal como os burocratas que serviram à máquina fascista. Demonstram que crentes comuns, aqueles que frequentam as igrejas, preocupados com a rotina religiosa de orar, jejuar, cuidar dos filhos e filhas, de zelar pela segurança da família podem ser partes do maquinário estatal eugênico de Bolsonaro (PY, 2020, n. p.).

Essa relação social, política, religiosa e histórica, encontramos-la com diferentes roupagens no programa do governo Bolsonaro e no confronto direto com o Estado Democrático de Direito. Esta será a tônica de um confronto contínuo entre uma teologia do poder e uma relação política e social de cunho sociológico. É notório este conflito estabelecido entre uma teologia do poder, de cunho medieval, com as forças democráticas contemporâneas.

Nesse contexto, as características próprias do bolsonarismo consistem em uma cruzada moralista reivindicando uma virilidade patriarcal, misturada como um autoritarismo de caserna. Reis Souza (2019) salienta que:

Bolsonaro e seu clã agem como uma espécie de “agitadores fascistas”: demandam adesão ideológica das massas, num jogo entre ameaçadores versus ameaçados a justificar uma cruzada moralista, autoritária e religiosa contra os valores e os direitos humanos [...] Radicalizam a raiz da brutalidade constitutiva da sociedade brasileira (a violência estrutural), expressas na violência da virilidade patriarcal, no autoritarismo da caserna e da justiça e no nosso cinismo de nascença. Tudo como se fosse um jogo onde a violência e o gracejo se misturam com a brutalidade sanguinária, a rigidez do militarismo, o moralismo religioso e os desejos pervertidos da construção de uma sociedade governada por “homens puros e de bem” [...] É preciso registrar que o governo Bolsonaro surge, também, como uma ameaça totalitária. Além de Bolsonaro personificar, em certa medida, os estereótipos de um ditador populista, o mais preocupante é que o núcleo do totalitarismo está nas instituições sociais e políticas quando (elas) se tornam homogêneas. (REIS SOUZA, 2019, n. p.).

Na contemporaneidade, o cristofascismo continua a se manifestar de forma estrutural. É nessa perspectiva que a autora resgata a impressão de Sölle, para mostrar a estrutura do poder teológico que sustenta, em nome da fé, uma deturpação da figura teológica e histórica



do agir de Deus na história da salvação. Nesse sentido, Nascimento Cunha (2018) sustenta que:

Para Dorothee Sölle, no tempo presente há posturas semelhantes da parte de igrejas e suas lideranças. O mesmo apoio a supremacias, totalitarismos, a políticas de intolerância e de ódio contra minorias por igrejas no passado estaria vivo entre cristãos no presente. [...] Isto por conta da fé em um Jesus individualizado e sentimentalizado, que despreza o profetismo que o caracteriza nos Evangelhos, além de silenciar e até zombar da atuação dele entre os pobres e marginalizados. [...] “Este tipo de religião”, diz a teóloga, “conhece a cruz apenas como um símbolo mágico do que [Jesus] fez por nós, não como um sinal do homem pobre que foi torturado até a morte como um criminoso político [...] Este é um Deus sem justiça, um Jesus sem uma cruz, uma Páscoa sem uma cruz – [...] uma traição aos desprezados, uma arma milagrosa a serviço dos poderosos” (NASCIMENTO CUNHA, 2018, n. p.)

Nessa perspectiva, encontramos o pesquisador Fabio Py, que vem mostrando — através de pesquisas, compartilhadas a partir de entrevistas e livros publicados sobre o tema — o que configura a fé cristofascista do bolsonarismo, no Brasil contemporâneo:

A doutrina da fé bolsonarista se conecta diretamente com uma nuvem densa de religiosos e cristianismos hegemônicos que sustentam o maquinário de sua gestão cristofascista. No apoio desse maquinário que tomou o Estado brasileiro se tem pelo menos três grandes pilares de intelectuais teológicos: a primeira dos pentecostais ligados à teologia da prosperidade que enchem o governo de expressões diárias de fé; a segunda aresta, os protestantes tradicionais (principalmente batistas e presbiterianos) que salpicam Bolsonaro com brindes teológicos do naipe de “eleito para governar a nação”; e a terceira tem “longa duração” como a espinha dorsal que estruturou o Brasil, o catolicismo conservador (PY, 2021, n. p.).

Ainda, o nosso autor ressalta as novas configurações desta realidade que mistura religião e política, e que tem uma clara finalidade de leitura transversal da história. Nesse sentido vale ressaltar, segundo o teólogo, que:

Esse conjunto de imagens cristológicas sobre a figura política de Bolsonaro, que ora se identifica com messias político religioso, ora com um servo sofredor que governa no calvário, reforça seu projeto cristofascista brasileiro. Seu cristofascismo promove-se por meio de uma teologia política que se pauta supostamente na democracia, mas que, ao mesmo tempo, baseia-se no ódio democrático e com clara disposição autoritária, na qual, uma das técnicas de sua governança é promover o terror no caldeirão de posturas de discriminação, ódio, preconceito, racismo ante os setores “heterodoxos”. Nessa equação, são utilizados discursos que aludem ao cristianismo numa investida contra seus inimigos: professores, militantes de esquerda, indígenas [...] O que se está vendo é uma nova modulação da “guerra dos deuses” que vem pintando a figura de Bolsonaro pública/política com características que passam por Jesus Cristo, martirizado e morto pelo Império Romano. Portanto, afirma-se que vem ocorrendo no governo Bolsonaro mais uma forma de profanação política de Jesus Cristo em prol do status quo neoliberal governista [...]. (PY, 2019, n. p.)



É justamente neste ponto histórico que podemos perceber como o cristofascismo vai ocupando espaço na sociedade política e religiosa brasileira. Este foi o tema desenvolvido por Raphael Fagundes em seu artigo na Revista Fórum, que leva por título *O cristofascismo é o novo projeto de nação*. Fagundes sustenta que:

Nada de erradicar a fome, ou o analfabetismo. Muito menos combater a corrupção. O cristofascismo é o novo projeto de nação inaugurado pela facção da burguesia que assumiu o poder. Este projeto tem como foco despolitizar a classe operária de modo a retirar o elemento econômico de sua moralidade. Deste modo, a causa dos problemas sociais seriam elementos comportamentais, ideológicos, espirituais etc., jamais a prevalência dos interesses do capital em relação ao trabalho (FAGUNDES, 2020, n. p.).

Enfim, é importante ressaltar que Cristofascismo e Bolsonarismo estão assim ancorados na realidade social, política e religioso brasileiro, trazendo consigo um inúmero retrocesso no plano político, social, ético ancorado em um discurso profundamente

Considerações finais

Após o percorrido realizado em nossa pesquisa *Cristofascismo e bolsonarismo no campo político, social e religioso brasileiro*, podemos afirmar que os conceitos desenvolvidos demonstram a sua complexidade na hora de uma análise de cunho bibliográfico. Um dos motivos é porque os conceitos estão em contínua desconstrução e construção. O Bolsonarismo e o Cristofascismo continuamente buscam interpretar a realidade política e fazem surgir novas estratégias de avanços na naturalização de suas práticas e discursos.

O programa de “catequização” que busca implantar o bolsonarismo — com a sombra do cristofascismo de cunho fascista e neonazista — é criar uma atmosfera em que o discurso religioso possa ser interpretado fora do seu contexto e atualizado de forma arbitrária para poder utilizá-lo de forma coercitiva.

Neste estágio de construção, o bolsonarismo encontrou apoio no pentecostalismo evangélico e nos conservadores católicos — da hierarquia e dos movimentos de cunho pentecostalista do catolicismo, propagadores de um discurso de cunho “apocalíptico”, em que se mistura alta dosagem de moralismo, dogmatismos e obsessão por uma sexualidade puritana. Bolsonaro e seus defensores trabalham com a desinformação e cultivam o



desconhecimento para construir um discurso cristofascista que se enquadra na necessidade de seus seguidores. Estes se baseiam na teologia da prosperidade e na força do poder autoritário em questões teológicas do Antigo Testamento e nas interpretações fundamentalistas de trechos do Novo Testamento.

Referências

- ALBURQUERQUE, A. A. de. **Cristofascismo: o que é isso? Segunda Opinião**, [s. l.], 29 nov. 2019. Disponível em: <https://segundaopinio.jor.br/cristofascismo-o-que-e-isso-alexandre-aragao-de-albuquerque/>. Acesso em: 08 fevereiro. 2021.
- FAGUNDES, R. **O cristofascismo é o novo projeto de nação**. *Revista Forum*, Santos - SP, 3 ago. 2020. Notícias. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/o-cristofascismo-e-o-novo-projeto-de-nacao/>. Acesso em: 08 fevereiro. 2021.
- NASCIMENTO CUNHA, M. **“Lobos devoradores” e o cristofascismo no Brasil**. Instituto **Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 17 out. 2018. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/583800-lobos-devoradores-e-o-cristofascismo-no-brasil>. Acesso em: 2 abril. 2022.
- PY, F. **A cristologia cristofascista de Jair Bolsonaro**. *Carta Capital*, São Paulo, 11 jun. 2019. Opinião. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinio/a-cristologia-cristofascista-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 08 fevereiro. 2022.
- PY, F. **Protestantes tradicionais no governo Bolsonaro e o mal banal das pessoas comuns**. Instituto **Humanitas Unisinos**, São Leopoldo – RS, 19 out. 2020. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601080-protestantes-tradicionais-no-governo-bolsonaro-e-o-mal-banal-das-pessoas-comuns-artigo-de-fabio-py>. Acesso em: 10 março 2022.
- PY, F. **Cristofascismo em 7 atos: como Bolsonaro usou a alegoria da Páscoa para não perder popularidade**. *The Intercept Brasil*, [s. l.], 1 maio 2020c. Vozes. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/01/cristofascismo-bolsonaro-pascoa/?comments=1#comments>. Acesso em: 06 maio 2022.



REIS SOUZA, R. S. **Da violência estrutural ao negrogoverno: breve radiografia.** Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo – RS, 12 jun. 2019. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589960-da-violencia-estrutural-ao-necrogoverno-breve-radiografia-do-bolsonarismo>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

VIEL, R. **O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21.** Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo – RS, 29 jul. 2019. Notícias. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591277-o-bolsonarismo-e-o-neofascismo-adaptado-ao-brasil-do-seculo-21>. Acesso em: 08 fevereiro. 2022.